

Vanessa Correia
vcorreia@brasileconomico.com.br



Ouro volta ao topo em fevereiro com incertezas no cenário internacional

Em momentos de instabilidade global, seja financeira ou geopolítica, os investidores recorrem a ativos considerados seguros a fim de evitar perdas. E foi exatamente esse movimento que levou o ouro à liderança do ranking de rentabilidade em fevereiro.

O metal avançou 5,52% no mês passado — em meio aos conflitos no Oriente Médio —, porém ainda não foi suficiente para anular a forte desvalorização registrada em janeiro (de 9,39%). “Desde a crise de 2008, o preço do ouro está em uma tendência ascendente. Isso é o que chamamos de fuga com qualidade”, explica Alan Soares, coach financeiro da Trader Brasil Private, área recém-criada pela empresa para atuar na alocação de recursos privados, por meio de assessoria financeira especializada.

Se a onda de violência na Líbia não for controlada, o ouro deve continuar subindo, segundo o especialista. “O investidor que quiser aproveitar uma possível valorização do ouro e petróleo pode apostar em contratos futuros negociados no segmento BM&F, da bolsa brasileira. Entretanto, o investidor deve estar ciente de que é mais arriscado do que renda variável”, aconselha Soares. No ano, até ontem, o preço do barril de petróleo (tipo WTI, negociado na bolsa de Nova York) acumula alta de 7,85%.

Volatilidade

Para março, o cenário ainda é de incertezas. “É difícil apontar uma direção considerando o ambiente atual. A bolsa brasileira deve oscilar entre altos e baixos, mas a tendência no longo prazo é de valorização”, afirma Leonardo Zanfelício, analista-chefe da Concór-

dia Corretora, citando que o preço/lucro (P/L) da BM&FBovespa é inferior ao das principais bolsas mundiais. “Isso poderia sugerir um movimento de recuperação, claro que dependendo do cenário externo.”

Ainda assim, se o investidor preferir manter a alocação em renda variável, deve optar por papéis defensivos, sugerem os especialistas.

“Companhias reguladas pelo governo, cujo reajuste seja atrelado a um índice de preço — como as concessionárias de energia, por exemplo —, ou que a demanda não esteja tão atrelada ao ciclo econômico — como a Souza Cruz —, são boas opções”, diz Zanfelício.

Renda fixa

Já o investidor com perfil moderado deve apostar em títulos de renda fixa atrelados a índices de inflação, como o Índice Geral de Preços ao Mercado (IGP-M) ou o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), ou à taxa básica de juros (Selic). “Não acredito que a demanda interna deve arrefecer, o que manterá os índices de inflação em patamares elevados”, aponta o especialista da Trader Brasil Private.

“Alguns ativos como os Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRIs), Letras de Créditos Imobiliários (LCIs) e debêntures pagam juros mais a variação do índice inflacionário ou Selic. No ano passado alguns CRIs chegaram a valorização quase 20%”, destaca Soares, lembrando que alguns produtos são destinados a investidores qualificados (com disponibilidade de investimento superior a R\$ 300 mil). ■